

O Palácio do Conde do Bolhão

Intervenções de Conservação e Restauro

Miguel Monteiro | 3M2P

O Palácio do Conde do Bolhão, imóvel classificado pelo IGESPAR, é considerado um dos edifícios mais notáveis da arquitectura civil do Porto oitocentista. Em Dezembro de 2011 teve início a sua segunda fase de reconversão numa estrutura de formação e produção cultural e artística.

Mandado construir em 1844 por António de Sousa Guimarães, um dos comerciantes mais ricos do País, o Palácio Conde do Bolhão expressa o vigor político e financeiro da orgulhosa burguesia portuense do séc. XIX, sendo a sua decoração de estuques, pintura e talha assinada pelos artistas mais relevantes da época.

O Palácio deve ainda a sua reputação à faustosa vida social que o Conde do Bolhão promovia e que Camilo Castelo Branco, seu protegido, descreveu detalhadamente. O Conde do Bolhão albergou por duas vezes a Família Real no Palácio e as suas opulentas festas, com 800 convidados, constituíam o zénite da vida social na cidade. Finalmente, e à boa maneira Camiliana, a história do Palácio está envolta numa teia de situações rocambolescas, onde abundam escândalos, infidelidades, traições e duelos, e onde o autor surge como um dos mais notórios protagonistas.

Arruinado e acusado de falsificação de moeda no Brasil, o conde acabaria por vender o Palácio que, no início do séc. XX, foi convertido em sede da Litografia do Bolhão. Para instalar as suas oficinas, esta conhecida litografia, (que funcionou até cerca de 1990), construiu um anexo de dimensões consideráveis acoplado à fachada traseira do palácio e cobrindo o antigo jardim.

Em 1998, a Academia Contemporânea do Espectáculo (ACE) apresentou à Câmara Municipal do Porto um projecto de instalação no Palácio que prefigura de forma



UM BAILE NO PALÁCIO DO CONDE DO BOLHÃO

Camilo Castelo Branco, *Jornal Nacional*, 13 de Fevereiro de 1853

“Estava ainda reservada uma nova emoção. Às três horas abriu-se a sala da mesa. Esta sala está situada no 2º andar da casa. Os sons voluptuosos da música escoavam-se por entre o sussurro da multidão dos convivas. O tenir dos cristais e das porcelanas, o somido da prata, o estalido do champagne, anunciavam que a gastronomia se tinha exagerado, e pairava assombrosa sobre os gelados, as espumas, as viandas, as compotas, os mariscos, as massas, os cakes, os vinhos. Um embriagante neveiro formado pela espuma de 300 garrafas de espumante, tolda os ares, para não dizer as cabeças. Truncha-se, espatifa-se, derrama-se. Rompem os brindes, os hurrahs. Expandem-se os corações, à medida que os estômagos se dilatam. Nem a imponente e colossal grandeza de um cake, sustém o acometimento de 800 dentaduras, das quais algumas é preciso confessar supriam em velocidade o que lhes faltava em beleza. Às seis horas renova-se a mesa com a mesma profusão. À mesa delírio, facilidade; nas salas gravidade e continência. E assim acabou às oito da manhã talvez o mais esplêndido baile que o Porto tenha visto.”

O PALÁCIO DO BOLHÃO

Camilo Castelo Branco, *O Jornal do Povo*, 22 de Março de 1853

“Para os que observem de longe, a fachada do edifício é pelas proporções grandiosas e formas do capricho uma dessas criações de Sufflot, no reinado de Luís XV, em que a arquitectura, depurada de insipidez italiana, ostenta um carácter entre o severo e o risonho (...). Nem os azulejos, nem o bizarro Mercúrio com o seu caduceu dourado erguendo-se colossal no coruchéu do edifício - proclamam as belezas exteriores do palacete. (...). Formosa rainha de todas as arquitecturas que por ali se agrupam, a casa do Sr. Sousa Guimarães cinge o diadema de primorosos baluartes que o caracterizam pela semelhança com as açoteias árabes, numa dessas graciosas mesquitas de Córdoba. Sobre cinco arcos que constituem as cinco entradas, ergue-se o primeiro andar de cinco janelas rasgadas, terminado em ogivas com os seus parapeitos de gradaria dourada, e de si tão perfeita obra, que faz goste admirar ali até que progresso as nossas fábricas podem ser alteadas.”



Camilo Castelo Branco (1825-1890)



emblemática os propósitos de requalificação e programação da cidade, já que perspectiva a criação de uma estrutura de formação e produção cultural e artística de raiz local e resultante da dinâmica das forças vivas da própria cidade; a recuperação e devolução ao público, de um imóvel simbólico da cidade e de grande valor patrimonial; a implantação de um pólo de actividade cultural no coração da Baixa desertificada e desqualificada; a integração do projecto, em conjunto com o TNSJ, o ANCA, o Rivoli e o Coliseu, numa rede de circulação de públicos no centro urbano. Finalmente, o potencial de acolhimento de espectáculos que a tipologia do seu Auditório permite. A implantação do projecto, que conheceria

vicissitudes várias, envolveu três presidentes da CMP, seis Ministros da Cultura, um Ministro da Educação e o próprio Presidente da República que, em Março de 1999, assinalou no Palácio o Dia Mundial do Teatro.

Em Novembro de 2001, a CMP adquiriu o imóvel cedendo o seu comodato à ACE e, finalmente, com o apoio da Direcção Regional de Educação do Norte e da Câmara Municipal do Porto iniciou-se, em Junho de 2006, a primeira fase de recuperação do Palácio. Actualmente o projecto atravessa a segunda fase de intervenções, estando a conservação e restauro do imóvel a cargo da empresa 3M2P – Construção e Reabilitação

de Edifícios, Lda., que, a 18 de Abril, no âmbito das celebrações do Dia Internacional dos Museus e Sítios, e em colaboração com o Grémio do Património, organizou uma visita estaleiro-aberto à obra que contou com cerca de 60 participantes ■

Palácio do Conde do Bolhão

"

1 | Sala de Visitas

2 | Primeiro edifício à esquerda

3 | Salão

Fotografia: Teodósio Dias